

## **ESCOLA E FAVELA: REPRESENTAÇÕES DA SEGREGAÇÃO**

**Aluna: Danielly dos Santos Fernandes Monteiro**  
**Orientador: Prof. Marcelo Baumann Burgos**

### **Introdução**

Entre os anos de 2005 e 2006 fiz parte de uma pesquisa intitulada *Análise da Construção da Solidariedade e da Cidadania nas Favelas do Rio de Janeiro* a qual foi financiada pela FAPERJ. A pesquisa foi realizada em quatro favelas, localizadas em diferentes regiões da cidade: Zona Sul, Zona da Leopoldina e Zona Oeste, e teve como foco verificar os padrões de relacionamento entre as agências de socialização na cidade e as representações formuladas pelas mesmas sobre a favela; mais especificamente, a relação estabelecida pelas principais agências que atuam sobre a criança e o adolescente morador da favela, dentre as quais, escola e projetos sociais. Com base nessa pesquisa empírica e, posteriormente, como bolsista PIBIC, desenvolvi minha monografia, tendo por objetivo analisar o material levantado pela pesquisa e cotejar com uma bibliografia específica sobre favelas. Sendo assim, durante o período que vai de agosto de 2007 a agosto de 2008, foram realizadas algumas atividades, juntamente com meu professor/orientador Marcelo Burgos, pertinentes ao desenvolvimento e elaboração da pesquisa monográfica. Sempre tendo em vista o material empírico disponibilizado pela pesquisa, essas atividades consistiram em fazer o levantamento de bibliografia específica sobre o tema, leitura e fichamento da mesma. Além disso, também fiz a apresentação do material estudado em seminários de leituras semanais com o professor/orientador.

### **Desenvolvimento da Pesquisa**

O tema da monografia trata da relação entre escola e favela. Com a leitura da bibliografia específica e análise do material empírico, chegamos à conclusão de que pensar a escola pública e sua relação com a favela é pensar uma das dimensões mais importantes para compreender a sociabilidade urbana. É ainda mais importante em um contexto como o Rio de Janeiro, caracterizado por uma sociabilidade extremamente violenta. A percepção do professor sobre seu aluno é estruturada por idéias já bastante difundidas e enraizadas sobre as favelas e seus moradores. Mais ainda, uma percepção norteada, principalmente, por um discurso em que se afirma que na favela há uma exposição em alto grau à cultura da violência. Assim, a representação dominante sobre esses espaços e seus moradores se baseia em hipóteses que remetem a uma relação de causalidade entre a organização familiar e de vizinhança e o comportamento dos alunos. Essa representação, no entanto, constitui um estereótipo cuja origem remonta à “invenção da favela”, que remete ao lugar que a cidade relegou à sua população pobre desde o início da república.

A seguir, apresentarei uma síntese da minha monografia, ora em fase de conclusão, e que está estruturada em três capítulos. Sendo assim, o primeiro capítulo vai tratar das origens da representação sobre as favelas e seus moradores, e terá como base o livro de Lícia do Prado Valladares (2005). Ou seja, será feita uma constituição da construção do lugar simbólico da favela na cidade. Veremos como a favela é mais que

uma forma; a favela é uma representação baseada em descrições de escritores, jornalistas, cronistas, médicos higienistas, engenheiros, arquitetos, intelectuais acadêmicos, dentre outros. Todos voltados para a análise do “outro”, para a formulação de idéias sobre essas formas específicas de moradia e seus moradores.

No segundo capítulo, será avaliada a questão da favela vista como representante número um da cultura da violência, tendo como parâmetro a leitura de uma bibliografia específica já selecionada. Será feito um contraponto entre os anos de 1950/1960 e os anos de 1980/1990, para mostrar que naqueles anos a favela era analisada a partir da idéia de uma cultura da pobreza, para depois ser tratada como o *locus* da violência, principalmente depois da entrada do tráfico de drogas nesses espaços.

O terceiro e último capítulo analisará as entrevistas feitas com professores das escolas da rede pública, que atendem especificamente as crianças moradoras do Morro Santa Marta, no contexto da pesquisa citada na introdução, – *Análise da Construção da Solidariedade e da Cidadania nas Favelas do Rio de Janeiro*. Com base nas falas dos professores, tentarei verificar o que está implícito nas afirmações feitas pelos mesmos sobre seus alunos. Nesse sentido, se tentará demonstrar como o reflexo do estigma histórico sobre a favela recai institucionalmente sobre as crianças moradoras da favela em questão,

Sendo assim, o principal objetivo dessa pesquisa é o de refletir e analisar as representações feitas por professores que lidam com crianças moradoras de favelas, a partir de um enquadramento sociológico que leve em conta tanto o processo de construção do lugar da favela no imaginário da cidade, como a sua conversão em *locus* por excelência da violência, que acaba por justificar uma profunda segregação urbana e institucional de sua população. Assim, apresento a seguir parte do primeiro capítulo desenvolvido para a monografia:

## **A construção do lugar simbólico da favela na cidade**

A proposta deste capítulo é a de fazer uma articulação que permita trazer à luz a compreensão da construção do lugar simbólico da favela na Cidade do Rio de Janeiro.

O marco teórico encontra-se sintetizado em Pierre Bourdieu (1997), que trata da análise das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico. Segundo o autor:

A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na idéia de fronteira natural) (...) (p.160)

Desde sua origem, que data da virada do século XIX para o século XX, até os tempos atuais, as favelas são foco de diversas interpretações que foram formuladas, em princípio, por escritores, jornalistas, médicos-higienistas, e depois por engenheiros, arquitetos, cientistas sociais, geógrafos, historiadores. Seu marco inicial seria o Morro da Providência que, por fatores contextuais, muda o nome para Morro da Favella. Este nome, mais tarde, foi generalizado para o restante dos morros ocupados por casas populares.

A preocupação inicial dos primeiros visitantes da favela seria uma exposição – para os moradores da cidade – desse lugar emergente, que desenvolvia uma forma de

habitação e relações sociais peculiares, ou seja, na contramão dos ideais relativos à consolidação da jovem República. Essas imagens e descrições trazidas do alto dos morros permitiam aos moradores da cidade entrever esse espaço sem a necessidade de conhecê-lo pessoalmente. Dessa forma, se iniciou o processo de representação das favelas e seus moradores, incitando no imaginário social uma determinada idéia de “não-lugar” que deveria ser negado.

No capítulo I de a *Invenção da favela: Do Mito de Origem a favela.com*, Licia do Prado Valladares trás como objeto de análise as primeiras representações desses espaços no Rio de Janeiro. Segundo sua hipótese, essas representações, dominantes na segunda metade do século XX, são tributárias daquelas desenvolvidas na primeira metade do mesmo século – uma construção social que encontra-se nos registros e informações que confirmam sua crescente importância no imaginário social.

Segundo Valladares, a periodização da história da reflexão sobre a favela (sua história intelectual) que não deve ser confundida com a sua história propriamente dita nos revela uma lógica constituída a partir de um mito e origem:

a imagem do povoado de Canudos descrita por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902). Imagem que também corresponde àquela vislumbrada pelos primeiros visitantes da favela do Rio, quando transpuseram em suas descrições a dualidade “litoral *versus* sertão” para a dualidade “cidade *versus* favela”.

Na cena urbana carioca do século XIX, o *locus* da pobreza, estava situado nos cortiços – que era o local de moradia tanto para trabalhadores quanto para vagabundos e malandros. Tal local, de acordo com a autora, era definido como um verdadeiro “inferno social”, propício às epidemias e constituindo ameaça à ordem social. Nesse sentido, era denunciado e condenado através do discurso médico e higienista, levando à adoção de medidas administrativas pelos governos das cidades.

A grande reforma urbana protagonizada por Pereira Passos foi a primeira intervenção pública que teve como objetivo sanear e civilizar a cidade, erradicando um sem-número de habitações populares. Somente após uma forte campanha contra os cortiços é que foi despertado o interesse pela favela. Nas palavras de Valladares, “um novo espaço geográfico e social que despontava pouco a pouco como o mais recente território da pobreza”. Vale frizar que o fenômeno da existência das favelas é anterior ao surgimento da categoria favela.

O estabelecimento de um arquétipo da favela se concretizou a partir das representações sociais encontradas nas descrições e imagens deixadas por escritores, jornalistas e reformadores sociais do início do século XX. Dessa forma, se desenvolveu um imaginário coletivo sobre esse espaço social e seus moradores. É interessante notar que, apesar das diferenças políticas e ideológicas, esses escritores e intelectuais percebiam tais áreas da mesma forma. Licia Valladares, então, levanta uma série de questões que nos leva a entender melhor esse processo. “Qual foi a origem comum desse modo de entendimento? Por que uma determinada visão acabou se tornando consensual? E por que tal construção social se prende a um mito, referido praticamente por todos os autores que falam da favela no início do século XX – o mito de Canudos?” (p.28-29). Segundo Valladares, a marca de Canudos sobre o esses momento fundador se apoiou no relato dos acontecimentos feito por Euclides da Cunha em sua obra *Os sertões*. Em suas análises, a autora descobriu que tal obra foi lida por todos os intelectuais da época, tornando a guerra de Canudos muito presente na memória coletiva. Através do olhar de Euclides da Cunha, os intelectuais do Rio de Janeiro iam descobrindo os espaços da favela. As imagens fortes e marcantes, transmitidas em sua obra, permitiam que esses intelectuais brasileiros compreendessem e interpretassem a favela emergente. A analogia feita entre Canudos e a favela englobava a geografia e a

representação de suas populações. A autora nos revela que esses cronistas, jornalistas, dentre outros, queriam mostrar que o sertão estava presente nesses novos bairros. Assim, a dualidade litoral *versus* sertão pode ser reencontrada nas primeiras imagens das descrições desses intelectuais, transposta para a dualidade cidade *versus* favela, demonstrando como o livro de Euclides da Cunha exercia uma profunda influência sobre os primeiros observadores da favela carioca. Entretanto, essas representações não estavam estruturadas à toa. As preocupações políticas estavam voltadas para a consolidação da jovem República, para a saúde da sociedade e para a entrada na modernidade. A favela interferia na paisagem urbana carioca, era “um outro mundo”, uma ameaça ao restante da cidade, um problema que deveria ser resolvido.

A transformação da favela em problema social e urbanístico tem a ver com o segundo momento da reflexão sobre a favela. Essa designação surge no momento seguinte da descoberta desse espaço, pois o habitat popular tornou-se um tema central sobre o devir da capital da República. Aumento da população em desacordo com total de moradias construídas. Em princípio, o problema da habitação popular estava voltado para uma questão mais técnico-sanitarista, ou seja, para a resolução das questões de insalubridade, epidemias e contágio. Esses diagnósticos eram feitos por engenheiros reformadores e médicos que já ocupavam um lugar importante na política municipal, demonstrando que havia uma concepção positivista da ciência e se seu papel social.

Entretanto, o período de finais do século XIX e início do século XX corresponde ao início de uma forte crise habitacional. Segundo Maria Lais Silva (2005) a grave crise nas cidades tem relação, dentre outros, com diversos fatores estruturais como:

(...) a expansão do trabalho remunerado e do aumento da migração. Processo que ocorre em paralelo e em decorrência da implantação das indústrias, do surgimento dos grandes mercados e de uma definição político-constitucional, com o fim do Império e a Proclamação da República, ocasionando um grande crescimento das cidades.

A década de 1930 foi relativamente uma ruptura, em consideração aos anos antecedentes, pois houve transformações em vários aspectos da vida no interior da sociedade. Esse período, de crescente intervenção do Estado na economia e na vida social da nação, é caracterizado pela montagem de um Estado de bem-estar em que se identifica uma “questão habitacional” e a partir daí, uma política para o tema. Dessa forma, na questão da moradia popular, a intervenção do Estado se expressa em nível nacional em três direções: intervenção no mercado privado com a Lei do Inquilinato; estruturação das carteiras prediais dos Institutos de Aposentadorias e Pensões, as IAPs e a criação de órgãos encarregados de políticas nacionais mais abrangentes como a Função da Casa Popular. É a partir desses anos que – quando o processo de modernização da economia do país e em especial do Rio de Janeiro, toma maior vulto – tem início um maior questionamento sobre o problema da habitação popular. Assim, as habitações localizadas nos morros e que eram consideradas pelos discursos higienistas insalubres e, além disso, que caminhavam na contramão da estética urbana, tornam-se um problema público, exigindo uma intervenção do Estado. A favela ganha importância como representação nacional do “problema habitacional” numa cidade que era o centro de poder, centro cultural e capital da República. Resultam desses fatores os debates nacionais acerca do problema da habitação popular.

Dessa forma, percebe-se como as favelas ocupam um lugar marginal na cidade. Emblema disso é o Código de Obras, de 1937, que proíbe a construção de novas favelas e a reforma das atuais – e prevê pela primeira vez uma política de remoção, sugerindo a construção de habitações proletárias (Marcelo Burgos 2005). A favela era um problema que deveria ser solucionado. Assim, é importante frisar que, esse ideário de remoção resultou no início do processo de organização coletiva dos moradores em associações. O

início desse processo se formou com a experiência dos parques proletários, que pôs em contato, segundo Burgos, o Estado e os excluídos. A insatisfação com a estrutura física, dentre outros fatores, resultou, em 1945, nas comissões de moradores, que se opunham ao plano da prefeitura de remoção para os parques. É a partir dessa atitude que os moradores começam a constituir-se em atores políticos.

Devemos salientar, também, que a favela, nos seus primórdios, recebe certa imagem positiva de lugar da genuína cultura popular brasileira. Burgos exemplifica bem esse dado, quando nos relata a aproximação entre sambistas do morro e do asfalto, revelando como se inicia o processo de incorporação, através da cultura e especialmente da música, da favela à vida social da cidade.

### **Conclusões**

A conclusão desta pesquisa está sendo sistematizada em minha monografia de final de curso, ainda em fase de elaboração. Por ora, já é possível sustentar que as representações sobre a favela, extraídas das falas dos professores, revelaram uma continuidade daquilo que se iniciou quando das primeiras preocupações com a questão urbana no Rio de Janeiro, ou seja, a favela como o lugar da falta, da precariedade de condições, da violência.

Desde os primórdios da organização da cidade carioca, determinou-se que, o que não estava em conformidade com as definições do que se chamou urbanidade, era considerado problema. Assim, as favelas e seus moradores, com suas características bastante singulares, foram e ainda são alvo de toda uma gama de termos e conceitos que, ao longo do tempo, mudaram em sua forma de expressão mas, de certa maneira, sedimentaram ainda mais a segregação urbana que se manifesta também no cotidiano das escolas visitadas. Esse fator ficará claro quando da elaboração do terceiro capítulo que nos fornecerá com maior precisão informações do quão arraigado estão as representações sobre as crianças moradoras de favelas. Isso nos permite concordar com Bourdieu (1997), quando este afirma que “efetivamente, o espaço social se retraduz no espaço físico” e, inversamente, de que “parte da inércia das estruturas do espaço social resulta do fato de que elas estão inscritas no espaço físico”. Afirma, também, que “as diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas”, mas que “não há espaço em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado” pois este “exprime as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (...) dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais do mundo natural acarreta” (pgs 160/161).

### **Referencias Bibliográficas**

1- BOURDIEU, Pierre - Efeitos do Lugar. In: Pierre Bourdieu (org.) **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. p.157-160.

2- BURGOS, Marcelo - Cidade, Território e Cidadania. **DADOS - Revista de Ciências Sociais**, vol. 48, nº 1. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2005. p.189-218.

3- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio - **Cidade de Muros. Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

4- CARVALHO, Maria Alice Rezende de - **Quatro Vezes Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 1994.

5- FERNANDES, Fernando Lannes - **Os discursos sobre as favelas e os limites ao direito à cidade**. In: Cidades (Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2(3), jan-jun 2005, p. 37-62.

6- PERALVA, Angelina - **Violência e Democracia: Paradoxo Brasileiro**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

7- PINTO, L. A. Costa - **O Negro no Rio de Janeiro: Relações de Raças numa Sociedade em Mudanças**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2ª ed., 1998.

8- SILVA, Maria Lais Pereira da, 1944 - **Favelas Cariocas,1930-1964**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.

9- VALLADARES, Lícia do Prado - **A Invenção da Favela. Do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

10- ZALUAR, Alba - **A Máquina e a Revolta**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª ed., 1994.